

“É a mobilidade, estúpido”

Denise dos Santos Rodrigues

Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

E-mail: denise.rodrigues@usp.br

orcid.org/0000-0002-4140-9721

Vinícius de Souza Mendes

Doutorando e Mestre pelo Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

E-mail: vinicius.mendes@alumni.usp.br

orcid.org/0000-0002-1327-9640



Resumo

Membro do Nucleo de Movilidades y Territorios (MOVYT), um dos principais centros de estudos sobre mobilidades na e da América Latina, o antropólogo Walter Alejandro Imilan discute, nesta entrevista realizada em junho de 2023, de que forma os métodos móveis — utilizados de forma pioneira em pesquisas do grupo em Santiago, no Chile — abrem novas perspectivas aos estudos urbanos latino-americanos, sem, contudo, abandonar conceitos clássicos da literatura da região, como o *barrio*. Nesta conversa, ele também reflete sobre como a abordagem em torno das mobilidades oferece leituras alternativas — e provocativas — a fenômenos relevantes no Chile dos últimos anos, como o *estallido*, em 2019, e as demandas *Mapuche*.

Palavras-chave:
Mobilidades; Estudos urbanos; América Latina; Indígenas; Cidades.

Abstract

Member of the Nucleo de Movilidades y Territorios (MOVYT), one of the main centers for studies on mobilities in and from Latin America, anthropologist Walter Alejandro Imilan discusses, in this interview in June 2023, how mobile methods—pioneered by the group’s research in Santiago, Chile—opened new perspectives for Latin American urban studies, without, however, abandoning classic concepts from the region’s literature, such as the *barrio*. In this conversation, he also reflects on how the approach around mobilities offers alternative – and provocative – points of view of relevant phenomena in Chile in recent years, such as the *estallido* in 2019 and the Mapuche demands.

Keywords: Mobilities; Urban studies; Latin America; Indigenous people; Cities.

Quando um grupo de investigadores de diversas universidades chilenas resolveram se reunir e fundar o *Núcleo de Movilidades y Territorios* (MOVYT), em 2018, o antropólogo **Walter Alejandro Imilan** já estava convencido de que não havia outro jeito de compreender as realidades urbanas latino-americanas por meio de categorias estáticas. O trabalho, o lazer, o bairro, a rua, a casa eram unidades de análise relevantes para a sociologia, mas ao mesmo tempo era necessário encontrar alternativas para superá-las. Meia década depois e com dezenas de publicações em revistas científicas do mundo inteiro, ele e o Núcleo parecem oferecer algumas respostas. Uma delas é ver como as pessoas produzem as cidades à medida em que se movimentam por elas. O método inequívoco, então, é segui-las em seus percursos – de forma a ver onde seus fluxos estão livres e onde encontram restrições, ou onde se friccionam, mas principalmente o que acontece nos trajetos. Ao fazê-lo, se torna possível entender desde fenômenos de escala micro até grandes eventos, como o *estallido* no Chile, em 2019.

Para Imilan, todo esse arcabouço teórico e empírico serviu para seus dilemas de pesquisa, mas também houve motivação de ordem pessoal. Ele queria compreender como as populações originárias que habitam o Chile, sobretudo os *Mapuche*, experimentam e produzem o território por onde se movimentam. No limite, ele encontrou questões que estavam inviabilizadas nas pesquisas sociológicas tradicionais, como a demanda *Mapuche* por *retornar* a Santiago — e não migrar para a capital do país, como era conceituado até então —, já que o espaço da cidade era, antes de tudo, parte do seu próprio território ancestral. Foram essas inquietações que levaram Imilan ao Mestrado em Estudos Urbanos (Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales da Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos de la Pontificia Universidad Católica de Chile) e ao Doutorado em Planejamento Urbano e Regional na Technische Universität (TU), em Berlim, na Alemanha.

Em junho de 2023, depois de apresentar alguns resultados de suas pesquisas mais recentes em um dos principais congressos de mobilidades do país, a Quarta Escola de Ciência Avançada em Mobilidades: Memórias e Futuros (SPMob2023), organizada pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Walter Imilan concedeu a seguinte entrevista aos pesquisadores Denise Rodrigues e Vinicius Mendes:

O conceito de “bairro” é muito caro para a literatura urbana latino-americana. De que forma se pode observar os impactos da perspectiva móvel sobre essa tradição? O “bairro” permanece uma unidade analítica possível?

Essa pergunta é, na verdade, um problema empírico. Não se trata de dizer que o bairro desapareceu, mas de demonstrar empiricamente que essa escala da cidade tem algum significado para as pessoas que a habitam. A nossa crítica está no fato do bairro ser tomado *for granted*, principalmente pelas políticas urbanas. Todas as intervenções e projetos de planejamento urbano consideram o bairro como a unidade mínima da cidade, assim como muitos programas de renovação urbana, em distintos países da América Latina, também partem da ideia do bairro como algo já dado. Existe uma longa tradição da antropologia urbana que aborda os bairros como mosaicos, como territórios modais (um termo usado pela Escola de Chicago) e mesmo como a unidade espacial básica de investigação. Com as mobilidades, o que se pode ver é que os territórios e os espaços construídos pelas pessoas claramente excedem essa escala. E, se o nosso objetivo é saber como as pessoas constroem suas vidas, então as mobilidades nos oferecem novas perspectivas.

4

Há movimentos que podem ser observados como se estivessem saindo e entrando nos “bairros” ou essa já é uma forma sedentária de olhar?

As mobilidades são, antes de tudo, observar as pessoas e suas experiências. Na medida que essas experiências se dão onde elas agem, então são nelas que se constroem os espaços. É uma visão presente em toda a corrente pós-estruturalista. Aparece, por exemplo, nos textos de [Michel] de Certeau quando ele fala de práticas espaciais, ou nos de Doreen Massey. Nosso ponto é que, para compreender o espacial e sua relação com o social, é necessário ver o que as pessoas fazem. É por isso que nós as seguimos: se queremos ver como o espaço é produzido, precisamos ver o que elas estão fazendo. Na medida em que vamos observando várias experiências, vai se tornando mais possível situar os elementos coletivos desse fenômeno.

Pensando nas cidades latino-americanas, o que as mobilidades permitiram ver e que antes estava oculto?

Começamos a trabalhar na perspectiva das mobilidades como forma de superar discussões que haviam sido feitas no Chile durante a década de

1990 e que não nos pareciam suficientes para entender como as cidades chilenas funcionavam — especialmente Santiago. Isso era uma realidade também em outras partes da América Latina. Naqueles anos, o grande debate era sobre a segregação sócio-residencial, isto é, como se distribuem as desigualdades no espaço. Era uma discussão, sobretudo, do âmbito da desigualdade distributiva. Basicamente se abria um mapa e se observava onde estavam os ricos e os pobres, as melhores e as piores escolas, as áreas com mais criminalidade e as com menos, as ruas que tinham iluminação pública e as que não tinham, onde havia mais árvores etc. Como todas as cidades chilenas são fortemente segregadas, esses eram dilemas fáceis de se observar. O problema é que isso não nos diz como as pessoas experimentam a desigualdade, e a tensão social começa a surgir justamente quando elas a sentem. Nós começamos a notar o que acontecia quando se saía dos bairros: os serviços que usavam, as coisas que faziam etc. Tudo isso nos parecia uma forma melhor de ver como elas experimentavam essa desigualdade e que estratégias elaboravam para lidar com ela. As mobilidades nos permitiram entender, então, essa segregação urbana de uma outra maneira, tanto ali como em todas as cidades latino-americanas, que são fortemente desiguais. Um dos pesquisadores do MOVYT, o Luis Iturra, está fazendo uma análise interessantíssima agora, por exemplo, sobre como os corpos de quem utiliza o metrô de Santiago vão mudando à medida que as linhas vão entrando e saindo das diferentes regiões. A própria cor da pele aparece no estudo, à medida que é possível partir de uma estação em que todos são morenos, se vestem com roupas simples, e em determinada estação a cidade embranquece. Dá para observar como quem trabalha no setor de serviços, cujos corpos claramente não pertencem àquelas zonas da cidade, se fecham quando estão dentro dos trens ao lado das pessoas mais brancas. É porque os vagões se transformam em espaços de disputas de corpos, de olhares, de cores. Tudo isso em uma sociedade, como a chilena, que não se percebe como racializada, à diferença de outras na América Latina. Uma pesquisa como essa não se expressa em números, é muito experimental, mas oferece uma abordagem diferente de como a desigualdade é inconscientemente vivida.

É um jeito de superar a unidade do bairro.

Sim, porque é ver também como as pessoas que vivem em bairros populares não estão nem querem ficar presas neles. No Chile, é importante lembrar que há toda a história de como os bairros foram importantes

durante a ditadura militar de [Augusto] Pinochet [1973-1990], servindo de apoio, refúgio e resistência. Nos últimos 30 anos, porém, outros fenômenos foram surgindo: a entrada do narcotráfico, as redes sociais se enfraquecendo, os bairros se estigmatizando, de forma que muita gente não gosta de dizer que mora em uma determinada região. Ao contrário, elas preferem afirmar que fazem suas vidas em outro lugar e, de fato, levam seus filhos para escolas distantes, por exemplo. Não querem que eles se misturem com os filhos dos vizinhos. Capturar essa experiência é o que a perspectiva das mobilidades permite.

Há semelhanças entre essas novas imagens encontradas pelas perspectivas móveis na América Latina e em cidades do Norte global?

A forma como experimentamos as cidades é bastante diferente das formas europeias ou estadunidense. Todos os nossos modelos de arquitetura e urbanismo vêm do Norte e, obviamente, são pensados a partir de como funcionam as cidades do Norte. Quando eles chegam aqui, é claro que não funcionam. Então, o problema é apontado para outra direção: de que somos nós que não entendemos, que não aplicamos corretamente... É por isso que é necessário saber como as nossas cidades funcionam. É assim que acompanhar as práticas cotidianas das pessoas se torna muito útil. Onde vão comprar produtos, em que lugar é a escola das crianças ou como trabalham — que, veja, é diferente de perguntar onde trabalham. Nesse sentido, aliás, a perspectiva das mobilidades nos oferece uma nova lente para observar como elas geram dinheiro, para além de categorias como “formal” e “informal”, por exemplo. No Chile, é muito comum alguém trabalhar três, quatro meses em um emprego, depois termina seu contrato, procura outro trabalho, não encontra e, daí, começa a vender produtos na rua... ou seja, as mobilidades permitem entender como se dá essa sobrevivência permanente, o que não acontece com as teorias do Norte: para elas, realidades como essas entram em campos como o das migrações ou da informalidade. O Norte fala globalmente e, nesse processo, não aborda tanto os lugares onde as pessoas vivem, de fato — porque as pessoas vivem em algum lugar.

Nos últimos anos, o Chile atravessou uma série de eventos relevantes para a história do país, sobretudo o *estallido*, em 2019. Como a literatura das mobilidades pode colocar novas questões em meio a esses eventos?

Quando aconteceu o *estallido*, há quatro anos, a população chilena estava muito irritada. Essa raiva deu lugar ao medo, que é o que as pessoas sentem agora. Isso explica a ascensão da extrema-direita, não no sentido de as pessoas terem se assumido dentro desse espectro, mas de que estão com medo de que lhes tirem as coisas que elas possuem. Há medo do futuro. Na época em que as ruas foram tomadas, em 2019, nós escrevemos um artigo intitulado “*É a vida cotidiana, estúpido*”, relembrando o estrategista político estadunidense James Carville que, em uma campanha do [ex-presidente] Bill Clinton, cunhou a frase “É a economia, estúpido”. Tratava-se de uma resposta para essa mesma pergunta — que muita gente nos fazia. Uma das vantagens dos estudos sociais pelas lentes das mobilidades está em observar como as pessoas resolvem seus problemas cotidianos de maneiras que não aparecem nas estatísticas e tampouco nos jornais. Para muitas delas, sair de casa já é um dilema. Pensemos, por exemplo, em uma mulher que deve deixar seu lar às seis da manhã para o trabalho, mas que não pode, porque ainda está escuro e alguém pode violentá-la na rua. Então, ela precisa pedir ao seu companheiro ou a alguém da sua família – um irmão, por exemplo – que a acompanhe até o ponto de ônibus. Quando ônibus finalmente chega, está lotado — e é assim que ela viaja por uma hora pela cidade, apertada na multidão, até que sente fome e toma café da manhã na estação de metrô ou na calçada mesmo. Sai dali comendo e andando. Ou seja: o dia nem começou e essa mulher já passou por diversos estresses.

O que nós captamos nas nossas pesquisas é que a vida na cidade, em movimento, é permeada por esses tipos de problemas o tempo todo, mas que as pessoas vão elaborando estratégias para resolvê-los. O *estallido*, então, não era sobre as pensões, o sistema de saúde, a desigualdade ou todas as outras coisas que apareceram na época como explicações possíveis, mas, antes, era sobre como as pessoas estavam exaustas com a vida cotidiana que elas levavam, marcada por camadas de desigualdades. Lembro de algo elucidador que me aconteceu pouco antes do *estallido*: tomei um táxi em um dia de inverno e, no bate-papo com o taxista, ele me contou angustiado que seus netos, que ele acabara de deixar na escola, provavelmente passariam frio o dia inteiro, porque o prédio da escola não tinha nenhum dispositivo de aquecimento. Naquele momento nós estávamos em um bairro rico de Santiago, e eu aproveitei para emendar: “Você acha que as crianças desse lugar en-

frentam esse mesmo problema?”. Ele respondeu assim: “Óbvio que não. É por isso que meus netos vão muito agasalhados para a escola. Mas o problema é que eles não conseguem escrever, porque não dá nem para tirar as luvas”. Quando as pessoas começaram a tomar consciência dessa experiência de desigualdade, quando notaram que seus filhos estavam tremendo de frio o dia inteiro na escola porque não havia aquecimento, elas se irritaram. É até por isso que o discurso do [*hoje presidente do Chile, Gabriel*] Boric é muito sobre a vida cotidiana, sobre as pessoas do dia a dia, as práticas, os movimentos — essas coisas que estão nas lentes das mobilidades.

O *estallido* começou por causa do preço do transporte público, inclusive.

Exato. Era um momento emancipador, embora fugaz. Por que as estações de metrô foram queimadas? Foi a destruição de uma infraestrutura opressora, assim como, na época da Revolução Industrial, as revoltas dos trabalhadores acabavam com as máquinas das fábricas queimadas. No Chile, no início de tudo, ninguém entendia: o sistema metroviário de Santiago é moderno, funciona bem, por que as pessoas estão colocando fogo? E a gente respondia: porque elas olham para ele e lembram de acordar cedo, comer na rua, viajar apertado no vagão, ter um trabalho mal-remunerado...

8

Em seus textos, você costuma reforçar como o colonialismo se construiu também a partir de ocupação territorial. Como podemos descolonizar as formas de entender espaços e territorialidades indígenas e negras na América Latina?

Reconhecendo como vivemos nossas cidades, sem imagens normativas de como elas deveriam ser — já que essas imagens geralmente são coloniais. Esse exercício permite ver coisas boas, funcionais, saberes, mas também outras que não funcionam tão bem. Na mesma linha, é preciso recuperar as memórias e como elas reescrevem a história e os entendimentos atuais. Isso é ainda mais certo em se tratando de povos originários e de populações afrodescendentes. Mesmo o papel das mulheres nas cidades deve ser reforçado: é obscuro ver os nomes das ruas, os monumentos, sem compreender que as favelas e *villas miserias* da América Latina são construídas principalmente por elas. As mulheres são as nossas verdadeiras urbanistas, porque desenham

e se preocupam que suas casas e seus bairros funcionem. No Chile tem uma questão interessante com o *Movimiento de Pobladores*, que foi muito forte nas décadas de 1960 e 1970 como uma organização popular que construía casas para quem estava às margens das políticas públicas. O movimento foi importante durante o governo de Salvador Allende [1970-1973] e se consolidou, a partir dali, como a principal organização popular chilena, um posto que ocupa até hoje. Tem muita gente estudando o movimento, integrando-o, participando, vendo-o como antiliberal até que, agora, se descobriu que, na verdade, trata-se de um movimento de *pobladoras*. Sempre foram e são mulheres! Como esse detalhe passou despercebido? Porque há uma dimensão de gênero em torno da mulher popular. Nosso papel é fazer esses reconhecimentos e compreender o que eles implicam na visão da cidade.

Os povos originários do Chile conseguiram resistir a processos de apagamento como esses e se firmar em novas — e antigas — territorialidades?

Até agora, os povos originários chilenos e, particularmente, os *Mapuche*, são os mais vulneráveis dentro das populações vulneráveis. A migração em direção às cidades está vinculada não apenas aos atrativos do meio urbano, mas principalmente à usurpação e destruição dos seus territórios por meio das indústrias mineradoras e florestais. Essa ocupação se deu há mais ou menos 30 anos em meio às populações vulneráveis chilenas que já habitavam nas cidades, nas suas periferias, sobretudo. Foi quando esses povos se tornaram um ator social relevante no país. Muitos poetas *Mapuche*, como Graciela Huinao e David Añiñir, por exemplo, escreveram sobre a experiência de nascer não só na cidade, mas em uma área popular, e ser discriminado também por isso. O momento atual é interessantíssimo nesse sentido, porque estão surgindo vozes dizendo que Santiago era um território *Mapuche*. Eles perguntam, então, como podem ser migrantes se estão voltando para um território ancestral, o Valle del Mapocho. São recuperações que rompem com a ideia do migrante como o sujeito que está em um lugar que não é o seu e, ao mesmo tempo, reforçam nosso conceito de mobilidade, no sentido de que, para os povos originários, os territórios sempre foram espaços de movimento. Esses elementos todos são bastante potentes.

Nessa discussão, categorias como nacionalidade ou mesmo etnicidade ainda têm algum valor metodológico?

No caso da nacionalidade, ele se liga mais ao tema da migração. Recentemente, a investigadora australiana Janine Dahinden escreveu sobre a necessidade de “desmigrantizar” os estudos migratórios, no sentido de que a categoria “migrante” está baseada no passaporte, isto é, em uma condição de cidadania construída pelos Estados. Isso não fala sobre a construção social da migração. É por isso que, nas mobilidades, preferimos trabalhar com o conceito de interseccionalidade. Ou seja: estão ali a categoria “gênero”, a categoria “nação”, a categoria “étnica”, a categoria “classe social” e, então, todas elas se cruzam. Assim, quando falamos de uma migrante afrodescendente ou de uma mulher *aimará*, são corpos distintos e formas de conhecimentos distintos que entram na cidade. Já a etnicidade, os próprios povos indígenas rechaçam, ainda que, tecnicamente, ela tenha a ver com a construção política de uma identidade.

Que desafios você encontra para estudar a relação entre identidades, territórios e mobilidades?

O primeiro desafio é a possibilidade de fazer pesquisa empírica. Na América Latina, em geral, faltam recursos para isso, embora seja fundamental basear qualquer estudo social em uma boa investigação empírica. É importante também buscar métodos mais livres, abertos, que nos ajudem a contar as histórias de forma criativa. Na nossa perspectiva, é preciso estar cada vez mais próximos das pessoas para contarmos as histórias delas, até porque existem maneiras de representar a realidade que não estão acessíveis para as pessoas que trabalhamos nos nossos estudos, como técnicas que usam mapas, por exemplo. Esses sujeitos têm outras habilidades, e são elas que devemos tentar incorporar nos nossos trabalhos. Algumas técnicas são particularmente interessantes, como as narrativas, em que nossos interlocutores escrevem sobre eles mesmos — embora nem todos tenham familiaridade com a escrita. O ponto central é que devemos analisar empiricamente as formas de narrar, permitir que as pessoas construam suas próprias narrativas, e não sermos apenas intérpretes da realidade social. Ao contrário, faz mais sentido pensarmos em nós, pesquisadores, como mediadores. Na América Latina temos um potencial tremendo para fazer isso. Muito mais do que no Norte.

Por quê?

Porque no Norte há muitas restrições e protocolos sobre a pesquisa, como a exigência de escrever livros periodicamente. É assim porque lá não se faz tantas investigações empíricas, que são custosas em termos de tempo e de energia. Construir confiança com as pessoas estudadas leva tempo. Quando se é um acadêmico em uma instituição altamente competitiva do Norte, isso é impossível. O máximo que dá para fazer é trabalhar com o material trazido pelos alunos, mas jamais ir até a comunidade, comer com as pessoas ali etc. É uma visão da academia como um âmbito profissional que se separa totalmente do pessoal. Na América Latina, ao contrário, nós nos envolvemos com nossas pesquisas, somos apaixonados por elas. Isso não é tão claro na Europa. Não se trata de dizer que um é pior do que o outro, mas apenas de marcar uma diferença entre os dois modelos. Para nós, o importante é fortalecer nossa forma de gerar conhecimento e de produzir teorias, até que seja possível equilibrar a desigualdade Norte-Sul entre quem faz teoria e quem aplica. Temos que nos aventurar mais a criar nossos próprios conceitos. A *[socióloga boliviana]* Silvia Rivera Cusicanqui é um ótimo exemplo: ela esboçou o conceito de *ch'ixi*, que vem do aimará e que, antes de tudo, diz respeito à realidade das pessoas que ela convive e estuda. Da mesma forma, a dualidade entre o trabalho formal e o informal não existe na América Latina, porque aqui trabalho sempre tem algo de formalizado e algo de informalizado. Não faz sentido pensar dessa forma, embora a gente siga observando nossa realidade como se fizesse. São ficções que não nos definem.

11

Suas pesquisas trazem reflexões e reconexões entre o passado, o presente e o futuro dos povos originários do Chile. Em que medida elas surgiram como um interesse pessoal que se tornou uma investigação?

Essa abordagem sobre as mobilidades dos povos originários está intimamente ligada à minha própria experiência social e à minha tentativa de me entender, de narrar minha história e a da minha família. À medida em que me entendo, também encontro perspectivas para entender outras histórias. Isso aconteceu com mais força há dez anos.

Pode compartilhar o que mudou desse período?

Sempre tive uma inquietação. Estudei Antropologia por causa disso. Quando eu entrei no curso, sem saber muito bem como poderia trabalhar como antropólogo em um país como o Chile, iniciei um processo

de descolonização pessoal muito importante, de forma que, quando fui estudar na Alemanha — o centro da filosofia ocidental moderna — já estava ali para me libertar e enfrentar essa estrutura. Foi lá também que comecei a estudar os processos migratórios e as mobilidades históricas *Mapuche* e me deparei com o espaço [territorial] como um espaço de reflexão. É muito bonito que, entre os *Mapuche*, há a ideia de *kultrunazo*, um termo que vem da palavra *kultrún* — que é um tambor que as mulheres e xamãs *Mapuche* tocam em cerimônias para representarem o universo. *Kultrunazo* é como se você fosse atingido na cabeça pelo *kultrún*, pelo universo, e então pudesse se reconhecer como um *Mapuche*. Os jovens usam muito essa expressão hoje em dia para se referir aos seus próprios processos pessoais de compreensão da história. É bonito, principalmente, porque no mundo *Mapuche* há um tremendo respeito pela vida em sociedade, mas também pelos caminhos individuais de cada um.

Referências

DAHINDEN, Janine. *A plea for the ‘de-migranticization’ of research on migration and integration*. Ethnic and Racial Studies, v. 39, 2016, p. 2207-2225.

DE CERTEAU, Michel. *The Practice of Everyday Life*. University of California Press (2011)

IMILAN, Walter Alejandro; JIRON, Paola. *Moviendo los estudios urbanos. La movilidad como objeto de estudio o como enfoque para comprender la ciudad contemporánea*. Quid 16, n. 10, 2018, p. 17-36.

MASSEY, Dooren. *For space*. Sage (2005)

MOVYT. *Es la vida cotidiana, estúpido*. Comunicaciones MOVYT, 2019. Acesso em 17 de agosto de 2023. Link: <https://www.movyt.cl/index.php/prensa/noticias-movyt/noticias/es-la-vida-cotidiana-estupido/>